

O JORNAL COMO SUPORTE DE LEITURA NO EF II

Amauri Tadeu da Silva¹
Thiago Alves Valente²

RESUMO

Quando se pensa em leitura na escola imediatamente vem à mente literatura, e em especial, a clássica. Embora todas as diretrizes cite a necessidade de leituras diversificadas, aquelas que estão presentes no dia-a-dia do sujeito em qualquer situação, na realidade isso não acontece, pois não existe consonância entre a teoria e a prática. A teoria postula que “as práticas discursivas presentes nos diversos gêneros que fazem parte do cotidiano dos educandos podem ser legitimados na escola. [...] uma vez que, na escola ele não leria e produziria apenas textos escolares, didatizados, mas teria contato com textos presentes nos diversos espaços de socialização que frequenta”; na prática continua prevalecendo a ‘pedagogia transmissiva das análises estruturais e gramaticais’, que dissocia o texto de sua realidade, assim, os alunos se mostram reticentes à necessidade de ler, mesmo porque em se tratando de literatura na sala de aula, o papel é o de introduzir o leitor nas teorias literárias, logo, os objetivos são de ordem técnica e não prazer, por técnica entende-se a necessidade de conhecer a norma culta, o conhecimento da regra gramatical, a análise lingüística, as escolas literárias. Paradoxalmente, não se aborda nenhum tipo de gênero literário para jovens – há um recorte do gênero infantil para o adulto. Entretanto, o “mundo” da leitura fora da escola é outro: dinâmico, vivo, convidativo e o alunos sabem disso, pois já respondem por um número considerável do mercado literário para o segmento infanto-juvenil. Por outro lado, uma das alternativas que venha a possibilitar ao aluno o contato com diversos assuntos, e levá-lo a “descobrir” aqueles que mais gosta, é o jornal. Dessa forma, nesse trabalho, buscou-se primeiramente, por meio de uma pesquisa junto aos alunos do Ensino Fundamental, procurar saber se havia atividades de leitura fora da escola. Em seguida, foram desenvolvidas diversas atividades com jornais em sala de aula. Os resultados foram extremamente positivos: primeiro, porque ficou constatado que os alunos não estão alheios ao mundo da leitura, têm as suas preferências e gostariam que elas fossem adotadas pelos professores, e segundo, o jornal despertou o interesse por notícias diárias e/ou conferir aquilo que viram/ouviam anteriormente em outros meios de comunicação. Portanto, adotar o jornal como estratégia de levar o aluno a se interessar por leitura pode ser uma prática a ser inserida nas aulas em que se prioriza literatura, caminho natural para quem gosta de ler.

Palavras-chave: ensino fundamental; leitura; jornais; estratégias.

¹ Professor de Língua Portuguesa e Literatura para o Ensino Fundamental e Médio, do Colégio Estadual Edith de Souza Prado de Oliveira, de Santo Antônio da Platina – PR.

² Professor Orientador - UENP

ABSTRACT

When you think about reading at school immediately come in your mind literature and in special the classic one. However all the directresses tell us about the variousness readings, those ones that is present day by day of a person and in any other situation, in fact it does not happen; because does not exist the consonancy between the theory and practice. The theory postulate that the speech practice present in several sort make part in the daily of the students and can be legitimated at school, so at school pupils would not read or produce educational texts pedagogical, but would have contact with texts present in various space of socialization that is present in practice go on predominating transmit pedagogy of grammar frame analysis, which disconnect text from its reality, thus the students reveal themselves reticents to the necessity of reading even if the classroom reading execute an order to introduce the reader in literary theories then the goals are the major orders, and not with pleasure; technically understand the necessity of knowledge the right and rules of grammar and linguistics analysis the literature system. Self -contradictory statement not teach any kind of literary sort for young, there is a lack of infantile sort to the grown up sort. However the reading world out of school is completely different: dynamic, alive, invitory and the students know that, they respond in a considerable figure in the literary market to the youth section. Otherwise one of alternative that can make possible to the students the contact of various subjects and to carry out to discover that the best one they like is the newspaper. Meanwhile this work searched first trough the research in development to the students of elementary school, to know if there were reading activities out of school. After that it was developed several activities with newspapers in class. The results was extremely positives first because was confirmed that the students are deprived to the reading world. they have their preferred reading and would like the teachers could work in classes that ones they like more. So the newspaper as an aroused interested due the news they watch through the means of communication. Therefore it follows that to take the newspaper as an strategy to take the students to interest to the reading could be the practice to be insert in the reading classes that prioritize reading could be the natural way to who likes reading.

Key words: elementary school; reading, newspapers, strategy.

INTRODUÇÃO

É comum ouvir professores se queixando de que seus alunos não gostam de ler. No entanto isto é tido de forma muito genérica, pois antes deveriam questioná-los sobre que assuntos eles não gostam de ler. Se for considerado que todos são obrigados cada vez mais a ler nos mais diferentes contextos – manuais instrucionais, prospectos, avisos, contas, e tantos outros que chegam às mãos ou que são colocados ao alcance mesmo quando não se está interessado, como cartazes, outdoors e demais mensagens publicitárias ou não, logo é um contra-senso considerar que os jovens estão isentos de

leitura no seu dia-a-dia, mesmo porque com uma olhadela nas bancas de revistas e livrarias é possível encontrar uma vasta linha de publicações voltadas para eles e, em se tratando de uma economia de mercado, ninguém investiria nesse público se não houvesse retorno.

A aprendizagem da leitura é fundamental, pois é ela que promove a interação do indivíduo no seu universo socioeconômico e cultural, e se o ensino da leitura está historicamente vinculada à escola, então o porquê dessa “leitura” dos professores em relação aos seus alunos?

Professores, especialmente os de literatura, não conseguem desvincular a leitura relacionada às obras clássicas e não raro, não têm a mínima idéia das obras atuais, dos resumos, críticas, listas dos *best sellers*, do sucesso que fazem as séries do *Harry Potter*, e *Crepúsculo*, direcionadas para a faixa etária dos seus alunos, observando que, Paulo Coelho e Augusto Cury também estão entre os favoritos desses leitores. Na educação contemporânea não se justifica mais nenhum tipo de especialização, mesmo que seja na leitura, e o exemplo mais próximo que se tem, deu-se na área da Matemática quando os professores procuraram ignorar o uso das calculadoras, entretanto isso não impediu que a sua utilização se disseminasse.

O professor de literatura insistindo nos clássicos não tem contribuído em nada para o aumento das vendas dessas obras, muito pelo contrário, aqueles alunos que não têm acesso a outros estilos, “pega birra” dos livros, porque sempre vão associá-los às regras literárias que eram obrigados a conhecer.

Logo, observa-se que nós, professores de Língua Portuguesa e Literatura ignoramos a autonomia que nossos alunos possuem de vivências “literárias” cotidianas, quando, na realidade, poderíamos utilizar essa experiência para acrescentar às aulas de literatura, mesmo porque, a leitura no contexto formal começa a partir da 5ª série, e a abordagem se dá justamente com livros voltados para essa faixa etária. Portanto, os problemas do “não gostar” de ler ocorrem no Ensino Médio.

Dessa forma, este trabalho procurou levantar algumas questões como o uso de jornais em sala de aula e seu aproveitamento para investigar os assuntos que mais despertam o interesse dos alunos, e assim, oferecer uma pista para os professores trabalharem a leitura/literatura de forma mais prazerosa, não menosprezando os clássicos, mas uma vez despertando o prazer do ler sem “amarras” o que virá pela frente será mais fácil, porque o aluno já estará apto a fazer as distinções necessárias ao aprendizado da literatura.

Assim, a intervenção final priorizou trabalhos com jornais em sala de aula, observando que, pelo fato de a cidade contar com publicações diárias e mensal deu-se preferência por assuntos relacionados ao cotidiano da comunidade além dos de âmbito nacional, com isso, aproximou-se os alunos com realidades diversas, proporcionando, no caso do local, outro olhar sobre assuntos conhecidos ou não.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A leitura ocupa um lugar privilegiado na escola, pois está presente em todas as disciplinas, entretanto, aumenta a cada dia a concepção de analfabeto funcional, ou seja, aquele que, mesmo sabendo ler, não consegue fazer uso desse conhecimento. As pesquisas consideravam, até, então, apenas a população adulta com essa característica, mas, com a aplicação das avaliações realizadas pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), através da combinação das notas do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), que mede o conhecimento de português e matemática de alunos das 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e 3º do Ensino Médio, e da Prova Brasil, exame nacional de português e matemática, aplicado às 4ª séries e às 8ª séries de escolas públicas, já foi detectado esse problema entre os alunos avaliados.

Perini (2005, p.79), afirma que :“ [...] a escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela; [...] tais analfabetos funcionais são encontros pelo menos até o nível do segundo grau”.

Mas afinal, o que é ler?

Ler é atribuir diretamente um sentido a algo escrito. 'Diretamente', isto é, sem passar pelo intermédio: -nem da decifração (nem letra por letra, sílaba por sílaba, ou palavra por palavra); -nem da oralização (nem sequer grupo respiratório). Ler é questionar algo escrito como tal a partir de uma expectativa real (necessidade-prazer) numa verdadeira situação de vida. Questionar um texto é fazer hipóteses de sentido a partir de indícios levantados (muitos desses indícios possuem uma natureza diferente dos elementos do próprio texto no sentido restrito da palavra) e verificar essas hipóteses. Tal questionamento se desenvolve através de toda uma estratégia de leitura.[...] Ler é ler escritos orais que vão desde um nome de rua numa placa até um livro, passando por um cartaz, uma embalagem, um jornal, um panfleto, etc., no momento em que se precisa realmente deles numa determinada situação de vida, 'para valer', como dizem as crianças. É lendo de verdade, desde o início, que alguém se torna leitor e não aprendendo primeiro a ler. (JOLIBERT, p.1994, p.15).

A tarefa de ensinar a ler começa já no processo de alfabetização: o professor lê para as crianças, e ao ouvir, elas atribuem um significado ao texto lido, realizando, ainda

que implicitamente, um ato de leitura; em seguida, elas passam a ler pelo prazer de ler, escolhem seus livros, contam e recontam as histórias lidas, emitem opiniões, e o que ocorre, durante os anos subsequentes é que, espera-se que as mesmas estejam aptas a decodificar/interpretar qualquer tipo de leitura.

Acreditar em estágios de maturação da criança, porém, é um denominador comum em visões tão distintas como as de Piaget, Chomsky e Vigotsky. Seria, pois, de se esperar que a escola procurasse respeitar os estágios de maturação também no desenvolvimento da capacidade de ler e escrever. No entanto, o que vemos acontecer é que a escola espera do aprendiz não um desenvolvimento gradativo mas um comportamento de letrado desde o início de seu processo de letramento. Por exemplo, não aceita traços de oralidade nas redações das crianças; em leitura, a escola espera que a criança seja capaz de ler logo materiais como história, ciências e geografia no gênero dissertativo; na aprendizagem da gramática, a escola espera do aprendiz a capacidade de identificação das várias classes de palavras simultaneamente a partir de suas definições. (KATO, 2005, p.32).

Dessa forma, há uma ruptura entre o estágio do desenvolvimento e os objetivos dos currículos quando pretende-se formar um mini-leitor adulto. Lembro-me de que odiava Dom Casmurro, porque tínhamos que emitir opinião sobre a suposta traição de Capitu, (que adolescente tem maturidade suficiente para fazer um julgamento desse nível?). Mais tarde, li outras obras de Machado de Assis, e seguramente, minhas preferidas são *O alienista*, *A cartomante*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* entre outras, mas entra ano sai ano e a escola, e os vestibulares, só lembram do Bentinho e da Capitu, como se Machado fosse autor de uma só obra.

[...] Não é raro encontrar textos de terceira ou quarta séries cuja complexidade se compara à de textos universitários; não é de admirar que os alunos se vejam derrotados frente a eles. [...] de sua incapacidade em decifrar o livro didático, o aluno passa muito rapidamente à conclusão de que não vale a pena tentar ler, não vale a pena ler, não vale a pena recorrer ao material escrito para buscar informações necessárias. (PERINI, 2005, p.84)

Nós, professores, esquecemos que já estivemos do lado de lá, e que ler os clássicos do Barroco, Arcadismo e outros era uma tortura, chego a pensar que há um complô implícito entre os responsáveis pelos currículos para se vingarem dessa fase.

[...] a presença do texto no contexto escolar é artificial: a situação de aula é coletiva, pressupõe e incentiva a leitura orientada. Mais ainda: visa a uma reação do leitor/aluno deflagrada a partir de atividades cuja

formulação parte de uma leitura prévia e alheia: a interpretação que o leitor/autor do livro acredita ser a mais pertinente, útil, adequada, agradável, etc. (LAJOLO,1988 p.53).

Por outro lado, ao contrário do que afirma Lajolo, de que “o aluno tem o direito de não gostar de um texto, e conseqüentemente, de se recusar a trabalhar com ele” (p.54), na prática evidentemente a autonomia do aluno não chega a tanto, e o resultado é a aversão à leitura obrigatória.

Os alunos crescem, e o mundo da leitura fora da escola não é feito de clássicos, mas de *best sellers*, de J.K. Rowling a Paulo Coelho, de muitas obras de conteúdos duvidosos, dos famigerados auto-ajuda. A escola mantém-se alheia a essa realidade, e mesmo assim, o *Harry Potter* é um sucesso de vendagem no Brasil, portanto, o ensino de leitura/literatura na escola não interfere junto aos alunos das classes econômicas mais abastadas (que têm condições de comprar *Harry Potter*, outros livros e revistas para os filhos), pois, essas crianças não têm na escola o único acesso a leitura, mas, por outro lado, crianças das classes econômicas mais baixas, passa a desprezar a leitura, porque não sentiu nenhum prazer ao ler no seu processo de escolarização.

A literatura é um discurso carregado de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que veicula. Constitui um elo privilegiado entre o homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia nossas emoções, ativa o nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é criação, uma espécie de irrealidade que adensa a realidade, tornando-nos observadores de nós mesmos. Ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação.[...] O discurso artístico implica, além da comunicação, um elevado grau de expressividade, um *eu* que se expõe e se dirige a um outro buscando uma resposta; assim sendo, a literatura *cria* a partir da realidade, da experiência de um *eu*, um objeto verbal, visando dialogar com o espírito e a emoção de um outro. (BRANDÃO; MICHELETTI,1998,p.22-23).

Assim, a literatura não é tão simples quanto parece, e retomando Kato, depende da maturidade do leitor e não da vontade da escola, como defende os autores acima citados. “A escola deveria, desde as séries iniciais, encarar a literatura como atividade produtiva no sentido mais amplo [...]” (p.26). Não dar chance aos alunos de intervirem no processo de leitura, é aumentar a barreira entre o analfabeto funcional e o letrado.

[...] a passagem à condição de leitor nem sempre acontece de maneira natural, a não ser para as crianças, vias de regra pertencentes às camadas elevadas da sociedade, que suplantaram, o impacto inicial e não se deixam afetar pela postura contraditória – caracterizando-a como um saber pronto e sacralizado, cuja posse distingue os usuários, mas que, ao mesmo tempo, é tão vulgar, que se confunde com um hábito – com que a escrita é

introduzida a elas. [...] O leitor passa a dispor de uma habilidade desligada de seu dia-a-dia, razão pela qual sua destinação não se esclarece durante a aprendizagem. Ler dissolve-se entre as obrigações da escola, não se associando às diferentes modalidades de textos com que a criança está envolvida e que estimulam sua atividade consumidora. Desvinculado de seu objeto, o ato da leitura torna-se intransitivo e inexplicável, a não ser que se apele a categorias tomadas de empréstimo de outros setores da vida social (ZILBERMAN; SILVA, 2005, p13-14)

Há um consenso de que a “culpa” por esse “estado de coisa” é do livro didático, afinal, ele é o material mais utilizado pelo professor e alunos, por um longo espaço de tempo. Os alunos o vêem como um material de uso imediato e não como uma fonte de pesquisa como qualquer outra obra do gênero, “ [...] as experiências dos alunos com os livros didáticos tendem a levá-los a conclusões que se generalizam para a leitura em geral. (PERINI, 2005,p.82)

Outro mito que se perpetua no meio escolar é que a deficiência na escrita é decorrência da falta de interesse na leitura. Fazemos nossas as palavras de Bernardo (2000), que adverte.

Ler muito não pode levar a escrever. Pode levar a ler bem – o que será muito importante, claro. Ler bem, por sua vez, pode ajudar a viver, porque o sujeito se informa, se identifica, se transfere, principalmente, se anima [...] Logo, ler não é a condição para escrever, mas sim munção para viver, e para escrever também. A atitude de ler é metonímia da vontade de entender o mundo. [...] Há os que lêem muito e entendem um tanto, mas preferem não interferir, inertes e omissos inclusive por opção. Há os que lêem muito e entendem muito, mas nunca escrevem nada. Quem escreve, então, sem dúvida lê. Mas quem lê, na dúvida, lê mais um pouco – e não escreve. (BERNARDO, 2000, p.29).

Como, costuma-se pensar que pré-adolescentes e adolescentes não têm o hábito de ler e de escrever, e as editoras e a internet mostram o contrário, as aulas de leitura/literatura na escola é que se mantêm alheias à realidade desses leitores. Bakthin , por exemplo, postula que “ quanto melhor dominamos os gênero tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário [...]) (apud DIRETRIZES CURRICULARES ...,2008, p.19), dessa forma, a idéia é trabalhar com uma leitura diversificada justamente “pegando” pela individualidade do aluno, colocando-o ao mesmo tempo frente aos mais diversos estilos e suscitando uma leitura crítica daquilo que está sendo lido “em tempo real”.

Partindo do princípio de leitura fora da escola, uma alternativa inteligente é adotar o uso de jornais em sala de aula, pois a diversidade de temas e assuntos colocados à disposição certamente fará com que os alunos se interessem primeiramente por aqueles

assuntos de seus interesses e em seguida o professor pode chamar a atenção para outros.

Para ativar os conhecimentos prévios em relação ao que irão ler, bem como permitir a comparação crítica, solicite que assistam aos noticiários televisivos do dia anterior. Se possível, grave-o para rever algum trecho com a turma e confrontá-lo com o tratamento que a notícia recebeu em sua versão escrita. Um trabalho como esse possibilita aos alunos irem compreendendo a diferença entre telejornal e jornal impresso. Em geral, a televisão apresenta a notícia como verdade absoluta; o jornal tende a relativizá-la, mostrando o outro lado, analisando os acontecimentos através de artigos e editoriais que têm com o propósito de incomodar o leitor, incitando-o a tomar partido, etc.(NÓBREGA, 2009, p.1)

O que é bastante interessante em relação aos jornais é a própria circulação de notícias, pois os alunos estarão lendo e tendo informações igual aos demais leitores e ao mesmo tempo também é matéria de televisão e rádio e isso faz com que a interação entre leitores seja maior, ou seja, diferentemente de ler uma obra literária para um trabalho, onde o aluno dificilmente terá com quem trocar informações a não ser o grupo restrito de colegas, ao passo que, como leitor de jornais ele poderá conversar de “igual para igual” com outras pessoas ou até mesmo complementar as informações que seus círculos de amizade já possuem a partir da televisão e/ou rádio ou de ouvir “alguém” falar.

O costume da leitura de jornais em sala de aula enriquece a capacidade de entendimento dos alunos, principalmente ao acréscimo e ampliação do vocabulário e compreensão de textos, melhora a qualidade das intervenções verbais, alarga as informações do educando sobre o mundo e também sobre a comunidade onde vive. O jornal, como ferramenta pedagógica, traz uma visão aberta e atualizada, um espaço de divulgação de idéias, de comunicação de opinião e interesses e tem contorno multidisciplinar e interdisciplinar. O jornal espelha o jogo de interesses da sociedade e o estudante pode compreender em que sociedade está vivendo e convivendo. O jornal é um extraordinário material pedagógico porque traz para a sala de aula a sociedade e suas necessidades reais. (EDUCADOR BRASIL, 2009, p.1)

Evidentemente, por experiência própria, isso faz com que o aluno se sinta importante, que desenvolva uma auto-confiança para conversar com outras pessoas, principalmente adultos, observando que nenhuma notícia é escrita de modo neutro, pois são os editoriais que mostram a linha ideológica que o jornal adota, e assim o professor deve confrontar o mesmo assunto em diversas mídias como forma de verificar diferentes pontos de vista e conseqüentemente reconhecendo idéias diferentes e desenvolvendo o espírito crítico que espera de leitores conscientes.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para comprovar a hipótese de que nossos alunos não são alheios ao hábito de ler, foi realizada uma pesquisa, através das etapas que se seguem.

O objetivo dessa pesquisa foi de caráter exploratório, considerando que: “A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que essas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2002, p 41).

Assim, considerou-se importante que os professores do Ensino Fundamental tenham à disposição maiores conhecimentos sobre o nível de leitura dos alunos para que possam trabalhar e ampliar as alternativas inerentes ao ensino de leitura e conseqüentemente elevá-lo até o nível de literatura.

O método de abordagem foi indutivo, pois partiu do particular – se os alunos têm ou não o hábito de ler – e paralelamente buscou-se informações teóricas sobre o assunto. O conceito de abordagem indutiva “é a aproximação dos fenômenos que caminha geralmente para planos cada vez mais abrangentes, indo das constatações mais particulares às leis e teorias (direção ascendente)” (GIL, 2002). Resumindo, parte-se de fatos particulares para leis e teorias.

O universo da pesquisa de campo compreendeu os alunos – em número de 76 – da 7ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual. O instrumento de coleta de dados, um questionário, compreendeu perguntas abertas. Dessa forma, esperou-se conseguir o maior número possível de informações sobre o assunto. De acordo com Luna (2003, p. 51), “Aqui o pesquisador apresentará para o leitor o perfil dos indivíduos pesquisados, quantidade, descrição de quem são (sem citar nomes), faixa etária, entre outros.

A amostra dos dados constatou que 100% das respostas foram positivas para a 1ª pergunta, ou seja, “de que tipo de leitura você gosta quando não está na escola?”. Os alunos lêem fora da escola, mostrando preferências por ordem de leitura: histórias em quadrinhos, livros de histórias, revistas, Bíblia, jornais, livros didáticos.

Observou-se que a maioria ainda não sabe fazer distinções entre gêneros textuais e personagens, pois as respostas dadas para a 2ª pergunta sobre os tipos de personagens preferidos, eles foram dos desenhos animados a aventuras e ação; da Turma da Mônica, Barbie ao *High School Musical*, do drama ao Avatar, mas a maioria

respondeu mesmo personagens de ação, aventureiros, engraçados, do mal, do bem, românticos.

Também chamou a atenção as respostas para a 3ª pergunta: "em sua casa que tipo de leitura seus pais costumam realizar?" Apenas 10 alunos responderam que os pais não lêem. Nessa questão as preferências foram para jornais (pai), revistas (mãe), Bíblia e em menor número, livros. Eles citaram até as revistas e livros que os pais costumam ler: Contigo, Caras, horóscopo, de "novelas", "de artistas", alguns livros do Augusto Cury.

Na 4ª pergunta, "se tivesse que indicar um livro para um amigo, que livro você indicaria?" Todos responderam, sugerindo desde o *Pequeno Príncipe* até *Você é insubstituível*, passando por livros de poesias, romances, terror, suspense, *Cartas de Amor*, *Harry Potter*, Monteiro Lobato, *Marley e Eu* entre outros (muitos clássicos infantis e juvenis foram citados). Notou-se que nenhum aluno lembrou dos livros já lidos na escola.

Como se pode observar até aqui, eles não são alheios à prática de leitura.

Na sequência, sobre o "que é a literatura", a maioria respondeu que "é todo tipo de leitura"; outras: "é ler"; "é organizar o texto"; "é arte, cultura"; "algo muito importante"; "são livros, revistas, jornais"; "aulas de leitura"; "um modo de aprender"; "é sobre o passado"; "são livros clássicos".

Fica claro que a maioria das respostas já está relacionada à própria metodologia do ensino de leitura, embora ainda não consigam conceituar, têm em mente as atividades realizadas em sala de aula.

Em relação a 6ª pergunta sobre "algum livro do qual você lembra mais", 34 responderam não se lembrar, mas os demais citaram até mais de um livro, alguns conhecidos como *Cidade de Deus* (leitura para adulto?), *As Crônicas de Nárnia*, *A professora Maluquinha*; *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, dentre outros.

Na 7ª pergunta todos tiveram uma resposta favorável para a "literatura na escola". Na opinião deles o objetivo é: "para ficar inteligente"; "ajudar nos estudos"; "aprender a escrever corretamente"; "aprender o português"; "criar o hábito de leitura"; "importante para fazer pesquisa"; "se comunicar melhor"; "desenvolver o cérebro"; "preparar para o vestibular"; "bom para o futuro"; "ajudar na educação"; "aprender palavras diferentes"; "desenvolver a imaginação", entre outras. Apenas dois alunos disseram não gostar de literatura na escola.

Como se vê, as respostas são uma continuação da 5ª pergunta.

A pergunta seguinte era: "se tivesse que escolher livros para você ler na escola, que tipo de texto escolheria?" Obviamente, as indicações de livros para a escola foram de

acordo com as preferências pessoais relacionadas na 1ª pergunta, incluindo os gibis e as revistas.

A 9ª pergunta colocou em pauta a leitura e a literatura: “você acha que a leitura é importante em sua vida? E a leitura de literatura?” Todos responderam que sim, entretanto, ainda não têm a noção exata do que seja literatura, como ficou evidente nas respostas da 7ª pergunta.

Na sequência, trocou-se o “ler” por “ouvir” histórias e poemas, e dessa vez as respostas foram bastante diversificadas: há quem goste de ouvir os dois; outros apenas histórias, pois consideram ouvir poemas muito “chato”; há quem prefira contar ao invés de ouvir, ou ainda ler a ouvir.

Finalmente, sobre a “relação entre literatura e outros tipos de arte [...]”, observou-se que foi a pergunta sobre a qual tiveram mais dificuldades em responder. Muitos responderam “não sei”; deixaram em branco; “tem tudo a ver”; “não”; uma respondeu: “A Maysa³ é uma literatura por tirarem do livro e passa para TV” (?); “normal”, outra: “sim, através da TV a gente sabe dos livros novos, a literatura é contada no cinema, no rádio, os locutores às vezes falam de literatura”.

Resumindo, a pesquisa comprovou que os alunos gostam de ler, acham a leitura importante, associam-na à educação, mas em relação à escola é que existe o problema que pode ser saneado a partir de pesquisas, procurando ouvir mais os alunos num trabalho em conjunto.

Em relação aos jornais, não há, pela amostra das respostas, um aprofundamento, um aproveitamento do mesmo como uma leitura informativa que serve para desenvolver o espírito crítico, portanto, é possível mostrar ao aluno esse objetivo do jornal com a vantagem de que ele está familiarizado com esse veículo de comunicação.

3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Ler, conforme as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa (2008), é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diferentes esferas sociais – jornalística, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica, cotidiana, midiática, literária, publicitária, etc. trata-se, pois de propiciar o desenvolvimento de uma atitude crítica que leva o aluno a perceber o sujeito presente nos textos e, ainda tomar uma atitude crítica diante deles.

³ Maysa é a garotinha que está fazendo sucesso num programa de televisão, e paradoxalmente, uma pesquisa realizada mostrou que as crianças não gostam dela, quem gosta são os pais.

A leitura numa concepção interacionista ultrapassa a compreensão da superfície: ela é mais do que o entendimento das informações explícitas, um processo dinâmico entre sujeitos que instituem trocas de experiências por meio do texto escrito. É preciso que o aluno leia o material lingüístico, mas também o implícito, é preciso também considerar que em qualquer atividade de leitura a intenção do autor seja reconhecida. Trabalhando com obras diversas – de livros a revistas de quadrinhos – com as quais os alunos já têm um prévio conhecimento vai colocar o professor frente a sua própria habilidade para selecionar, valorizar e utilizar os recursos de maneira adequada e produtiva e conseqüentemente, ele também terá que se interar das novas leituras do “mundo” como diria Paulo Freire.

Para realizar a seleção dos textos e das obras a serem trabalhadas na escola, é necessário que o docente seja um leitor contínuo, visto que é papel da escola instrumentalizar o aluno para que ele amadureça suas opiniões a respeito do que lê. Importante considerar o contexto da sala de aula, as experiências de leitura dos alunos, os horizontes de expectativas deles e as sugestões sobre textos que gostariam de ler, para então, oferecer textos cada vez mais complexos, que possibilitem ampliar as leituras dos educandos. (PARANÁ, DC, 2008)

A escolha de como se trabalhar com jornais recaiu na obra “O jornal na sala de aula”, pois de acordo com Faria (2006), trabalhar com fontes de informações, em especial o jornal, leva os alunos a conhecer as seções dos cadernos, colunas e rubricas. Uma vez que, associados às preferências pessoais, o interesse pela leitura se faz presente, ou seja, no contexto do jornal, os alunos têm à disposição todos os assuntos, desde o entretenimento até os assuntos científicos, passando pelas notícias. O desenvolvimento para uma das inúmeras alternativas de trabalho com jornal pode ser:

- ✓ os alunos trabalham com o mesmo jornal em que estudaram os cadernos para conhecer as Seções de cada caderno;
- ✓ folheiam os cadernos para examinar as matérias que contêm. Observam que cada seção é indicada por um chapéu ou rubrica. Uma seção pode ser também a coluna de um jornalista que escreve sobre um determinado assunto e que encontramos sempre no mesmo lugar do jornal;
- ✓ os alunos seguem o mesmo roteiro de trabalho usado na análise e classificação dos cadernos;
- ✓ estabelecem oralmente as diferenças entre caderno e seção;
- ✓ conceituam seção, coluna e rubrica/chapéu;

- ✓ conduzir a classe a concluir que caderno, como termo jornalístico, reúne temas de um assunto determinado e é maior do que uma seção, podendo cada caderno conter várias seções;
- ✓ prolongamento: este trabalho pode ser feito com revistas, onde não existem cadernos, mas apenas seções, colunas, etc.

Dependendo da prática de redação dos alunos eles já podem sintetizar o conteúdo de um caderno, da análise à redação corrigida – e refeita, se necessário.

Material: cada grupo deve trabalhar com um jornal completo. Sugere-se que cada grupo use um dia diferente da semana de um mesmo periódico.

A proposta para o desenvolvimento nesta atividade é o seguinte:

- ✓ cada grupo levanta os cadernos de seu exemplar de jornal;
- ✓ algumas equipes dividem entre si os cadernos que saem diariamente de modo que cada grupo fique com a análise de um só desses cadernos;
- ✓ as equipes analisam os cadernos e fazem uma lista das suas seções;
- ✓ procuram fazer uma síntese dos temas aí tratados. Se não encontram seções, colunas ou rubricas claramente determinadas, listam os assuntos tratados, procurando agrupá-los em rubricas gerais;
- ✓ com essa lista preliminar escrevem um texto sintético sobre o conteúdo do caderno;
- ✓ cada equipe lê seu texto;
- ✓ um texto é escolhido para ser escrito no quadro negro, onde é corrigido pela classe, com a supervisão do professor. Deve ser reescrito, se houver necessidade;
- ✓ o texto correto é copiado por todos;
- ✓ o trabalho de correção das sínteses dos outros grupos pode ser reservado para aulas posteriores. Isso é um excelente exercício de redação;

Quando todos os textos estiverem prontos (analisados, corrigidos, reescritos), a classe faz uma apresentação dos cadernos do jornal num tablóide, para ser divulgado na escola ou até fora dela.

4. IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

Adoção de leitura de jornais em sala encontra fundamentação no método semiológico que considera a literatura como a “aprendizagem numa prática cotidiana de intercâmbio e coexistência de valores diferenciados, que elegem a linguagem literária ou outras linguagens como veículos de circulação”. (BORDINI; AQUIAR, 1993, p. 132).

Textos jornalísticos têm essa denominação em função de seu portador – jornais, periódicos, revistas – mostrarem um claro predomínio da função informativa da linguagem: traz os fatos mais relevantes no momento em que acontecem. Esta adesão ao presente torna-o mais descartável que os textos literários propriamente ditos. De acordo com este objetivo os fatos são grupados em diferentes seções: informação nacional, internacional e local, economia, esportes, saúde, turismo, entretenimento, publicidade entre outros. Os grandes jornais, além das seções costumam publicar cadernos especiais desses assuntos. Jornais locais – fora das capitais estaduais – reproduzem as matérias das grandes publicações, e notas locais.

Dentro dos jornais encontramos diferentes formas de leitura: a notícia, a reportagem, a entrevista, a informação, o artigo de opinião. Dessa forma, os jornais são oportunidades ao aluno/leitor de diferenciar esses assuntos, que mais tarde pode ser lido de forma mais precisa nos livros, ou seja, se for bem planejado, servem de parâmetro para futuras leituras de temas mais específicos e elaborados.

A implementação da proposta, de se trabalhar com jornais em sala de aula começou a ser efetivada na prática a partir de uma reunião realizada com diretores, professores, equipe pedagógica e funcionários. Neste dia ficou estabelecido que o trabalho na turma da 7ª série contemplaria uma aula semanal. Na 1ª aula foi possível trabalhar com dois textos, que depois de lido forneceu informações suficientes para se iniciar a produção de notícias para as aulas seguintes.

Selecionamos dois textos: como no ano anterior tínhamos informações sobre as enchentes de Santa Catarina, esse foi um assunto (jornal estadual) e outro sobre a construção de um colégio em nossa cidade que está sendo acusado de crime ambiental, porque sua área está no sopé de um morro, onde está sendo realizada a terraplanagem para a construção (jornal local). Paralelamente se discutiu as questões ambientais.

Nesse primeiro trabalho chamou-nos a atenção o fato de que os alunos ainda tinham na memória as enchentes passadas, mas não tinham nenhum conhecimento sobre o colégio (presente), o que despertou-lhes o interesse culminando com uma pesquisa *in loco*, fornecendo mais material para o trabalho a ser realizado.

A produção de texto em estilo jornalístico contemplou esses três assuntos num texto único.

Estes textos foram redigidos e corrigidos, observando as normas gramaticais e a redação jornalística:

- ✦ título: verbos no presente do indicativo; estar na ordem direta (sujeito + verbo + complementos verbais + adjunto adverbial); evitar rima;

- ✦ linguagem: deve ser acessível a todos, por isso deve ser clara e simples, embora não se deva ignorar a gramática; poucas palavras em cada oração para que se evitem os parágrafos longos; verbos na voz ativa; poucos adjetivos.

Observando que, os trabalhos sendo realizados em grupo mostraram, tal e como os jornais, redações e posições diferenciadas, o que serviu para explicar “linha editorial” e “estilos”.

Terminada essa atividade, a próxima foi com charges e a sua função dentro do jornal mostrando a sua associação com um assunto de destaque do dia.

A história em quadrinhos constitui uma das variedades mais difundidas da trama narrativa com base icônica; combina a imagem plana com o texto escrito e os elementos verbais e icônicos integram-se a partir de um código específico.

No jornal, os quadrinhos ou tirinhas (tem esse nome por causa do formato) são presenças garantidas, enquanto uns tem começo meio e fim, outros têm consequências para contar uma história maior; esse formato de quadrinhos é amplamente utilizado nos livros didáticos da língua portuguesa, principalmente, os estrangeiros, cujos personagens constantes são o Hagar, a Mafalda, o Calvin, o Recruta Zero entre outros, os personagens brasileiros são minoria. Desconhecendo o jornal, os alunos não sabem que ele é o principal veículo de publicação das tirinhas.

Dessa forma, foram elaboradas perguntas sobre o que representava naquele momento a mensagem transmitida.

Nas aulas seguintes trabalhou-se diretamente com um dos jornais de circulação diária e produzido na nossa cidade, observando que os exemplares nos foram enviados por seu proprietário, sem nenhum custo.

1ª atividade. Primeira página.

- 1º momento: enfatizar para os alunos os critérios adotados para que uma notícia mereça estar em destaque nas chamadas de 1ª página;
- 2º momento: de posse dos jornais, os alunos, divididos em grupos, levantaram hipóteses sobre as manchetes, quais os assuntos que estão “dentro” dos mesmos e porque;
- 3º momento: os grupos discutem oralmente, os elementos encontrados, observando que alguns assuntos já eram de conhecimento de alguns;

- 4º momento: para o trabalho escrito, agruparam numa lista os elementos que pertenciam a um mesmo componente. Começou-se pelo cabeçalho; juntaram-se: fotos, legendas e créditos das fotos entre outros;
- 5º momento: depois de organizada a lista, atribuiu-se um número para cada elemento de acordo com a ordem de importância para aquele momento;
- 6º momento: escreveu-se o número sobre o elemento correspondente na primeira página do jornal, nota-se que, para os alunos, nem todos os assuntos correspondem a mesma ordem de importância das manchetes, e aí já começa a ficar evidente os assuntos preferidos;
- 7º momento: os grupos conceituaram a primeira página e a classe escolheu a melhor conceituação.

2ª atividade. O que é uma chamada?

Como os alunos já sabiam o que era uma primeira página, passamos a conhecer os diferentes elementos que podem estar presentes numa chamada.

- 1º momento: de posse dos jornais, os alunos escolheram uma notícia que consideraram mais importante. Em seguida identificaram todos os componentes que faziam parte da notícia, escrevendo-os no quadro negro conforme iam sendo escolhidos.
- 2º momento: chegaram aos números e letras colocados no fim da **chamada**, à direita embaixo, indicando o caderno e a(s) página(s) interna(s) onde a notícia continuava;
- 3º momento: os alunos procuraram outros textos na primeira página, como títulos, legendas de fotos, gráficos entre outros, nos quais figuraram as letras e os números indicando onde a notícia continuava nas folhas e passaram um círculo em torno desses indícios;
- 4º momento: os grupos observaram que uma chamada pode conter título, subtítulo, olho, texto, foto e legenda, gráfico entre outros, e até se limitar a um simples título. Uma chamada pode ser também feita através de uma foto com uma legenda-chamada.
- 5º momento: o trabalho terminou depois que foram levantadas todas as formas em que uma **chamada** se apresenta, elaborando-se um quadro para os dados.
- 6º momento: os grupos conceituaram a **chamada**.

3ª atividade. Localizar a continuação das notícias da primeira página.

Dominando a primeira página e conhecendo uma chamada os grupos deveriam agora fazer um levantamento de hipóteses a partir de perguntas como: para que serve a primeira página de um jornal? Ela traz tudo sobre as notícias estampadas? Onde continuam as notícias? Como encontrar a continuação? Quais são os indícios para se localizar a continuação da notícia?

- 1º momento: os alunos passaram um círculo em torno das indicações para se localizar a continuação da notícia (número do caderno e da página); em seguida folhearam o jornal para localizar a continuação das notícias;
- 2º momento: para fixar o assunto, copiaram, num quadro títulos da primeira página e os títulos da continuação da notícia nas páginas internas, com a indicação completa da localização do assunto nas mesmas (caderno e página). Observaram que os títulos já eram diferentes daqueles da primeira página. Concluíram o porquê dessas diferenças.

4ª atividade. Comparar os títulos da primeira página com os das páginas internas

Essa atividade só foi possível porque os grupos já conheciam os jornais a partir das atividades anteriores.

- 1º momento: os grupos selecionaram apenas dois títulos mais importantes, e localizaram as matérias nas páginas internas; em seguida copiaram esses títulos e embaixo o das páginas internas referentes a cada assunto;
- 2º momento: escolheram um dos assuntos e escreveram os dois títulos, da primeira página e interno, no quadro, para análise com toda a classe;
- 3º momento: os grupos assinalaram as diferenças entre os dois títulos e levantaram as hipóteses sobre as causas das diferenças;
- 4º momento: como mediador, expliquei sobre os motivos das diferenças: o título da primeira página deve sempre ser mais chamativo do que explícito, convidando o leitor a se interessar pelo assunto, despertar a curiosidade, chamar à atenção. Nas páginas internas não há mais essa necessidade, e não raro podemos até mesmo ficar decepcionados, pois pode acontecer de a matéria não condizer com o destaque dado, ou ainda, assuntos que não foram destacados serem mais interessantes;
- 5º momento: depois dessas explicações, cada grupo escolheu um par de títulos e preparou uma análise das diferenças e suas conseqüências para a compreensão da notícia;

- 6º momento: depois de escrever os títulos no quadro negro, cada grupo expôs oralmente para a classe a sua análise.

5ª atividade. Conhecendo as seções dos cadernos

- 1º momento: os grupos trabalham com o jornal a partir dos cadernos, para conhecer as **seções** de cada um, observando que cada seção é indicada por um **chapéu ou rubrica**.
- 2º momento: ficam conhecendo que uma seção pode ser também uma coluna de um jornalista que escreve sobre um determinado assunto e que este é encontrado sempre no mesmo lugar do jornal;
- 3º momento: os grupos estabelecem oralmente as diferenças entre **caderno e seção**, e registram nos cadernos o que é uma seção, coluna e rubrica/chapéu;
- 4º momento: chegaram a conclusão sobre quais as características de um caderno dentro do jornal.

Complementando os trabalhos com jornais, convidamos o jornalista e proprietário do jornal local para dar uma palestra para os alunos. Na data marcada ele compareceu, explicou o funcionamento do jornal, e respondeu às perguntas dos alunos. Dessa visita, resultou um texto sobre o assunto.

Finalmente quando, os jornais foram colocados à disposição para que o trabalho fosse livre e individual, os alunos começaram a buscar por conta própria os cadernos de seus interesses: esportes, televisão, quadrinhos, somente depois é que buscaram os demais assuntos segundo as manchetes, considerando o conhecimento prévio que já tinham sobre a primeira página. Dessa forma, pode-se constatar que, em qualquer situação de leitura individual, o que prevalece primeiro é próprio interesse, mas como no jornal os assuntos são amplos, este ofereceu e oferece oportunidades para que outros assuntos também sejam “alvos” de leitura.

As produções escritas também evoluíram porque houve o interesse em redigir seguindo as normas de redação jornalística já considerando que cada grupo queria chamar mais a atenção que o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, o trabalho comprovou a hipótese inicial, de que os alunos lêem fora do ambiente escolar. Livros e outras formas de publicação escrita que normalmente estão fora das salas de aula fazem parte do universo desses jovens leitores. Dentre as preferências, foi encontrado um número razoável para o jornal, e nesse caso, o contato se deu através dos pais (comprovando a tese de pais leitores, filhos idem).

A opção pela utilização do jornal em sala de aula, no meu ponto de vista, mostrou que o aluno constrói o sentido da compreensão no momento do ato da leitura, cria hipóteses, e tira conclusões, e aqui ele também passa a compreender as especificidades entre os diversos discursos, aliás, não se pode dizer que os jornais são constituídos apenas de objetividade, pois existem cadernos técnicos de ciências e ficcional, de literatura (resenhas, resumos), da mesma forma que há também os articulistas que utilizam a linguagem escrita segundo o assunto abordado.

São situações de leitura que proporcionam interações entre eles porque incitam opiniões divergentes, ao contrário da situação “clássica” de literatura, quando todas as atividades devem convergir para um mesmo ponto. Está-se, portanto, favorecendo a formação de indivíduos críticos, desenvolvendo a capacidade de argumentação. Assim, trabalhar com textos paradidáticos torna-se a cada dia uma necessidade considerando a formação de cidadãos críticos frente a um mundo de informações globalizadas.

Por outro lado, sabemos que buscar outros caminhos não é uma tarefa fácil, pois os próprios livros didáticos adotados não favorecem essa abertura, assim como o professor poder ter dificuldades em conseguir jornais diariamente (outro recurso seria o acesso dos mesmos na Internet).

Acredito que a realização desse trabalho só foi possível por causa do tempo disponibilizado pelo PDE, porque numa situação normal existem outras variáveis que são contempladas pelo currículo, entretanto, isso nada impede que uma ou outra atividade possa ser incluída no planejamento anual, redimensionando o conceito de leitura, que na perspectiva aqui assumida não pode ser apenas o domínio dos aspectos formais, mesmo porque a escola que nega a oportunidade de colocar à disposição do aluno os diversos tipos de discurso, está impondo o seu discurso ideológico.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO, Gustavo. **Redação inquieta**. 5.ed. Belo Horizonte: Formato, 2000.
- BRANDÃO Helena H. Nagamine ; MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: CHIAPPINI, Lígia (Coord.) **Aprender e ensinar com textos didáticos e para didáticos**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998, p. 17 –30
- BORDINI, Maria da Glória; AQUIAR, Vera Teixeira. **A formação do leitor**. Alternativas metodológicas. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- GIL, Antônio Carlos . **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.
- JOLIBERT, Josette (Coord.) **Formando crianças leitoras**. Tradução Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, v. I,1994.
- KATO, Mary A. Como a criança aprende a ler: uma questão platoniana. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodor da. (Org.). **Leitura**. Perspectivas interdisciplinares. 5.ed. São Paulo: Ática, 2005,p.30-37
- LUNA, Sergio Vasconcelos. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2002
- NÓBREGA, Maria José. O jornal na sala de aula. IN: **Carta na Escola**. Disponível em: < www.cartanaescola.com.br> Acesso em 4 nov. 2009.
- OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de. **Minimanual compacto de redação e estilo: teoria e prática**. São Paulo: Rideel, 1999.
- O uso do jornal na sala de aula. Disponível em: < www.educadorbrasilescolar.com> . Acesso em 04 nov. 2009.
- PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes curriculares de língua portuguesa para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio**. Curitiba, 2008.
- PERINI, Mário A. A leitura funcional e a dupla função do texto didático In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). **Leitura**. Perspectivas interdisciplinares. 5.ed. São Paulo: Ática, 2005, p.78-86
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodor da. (Org.). **Leitura**. Perspectivas interdisciplinares. 5.ed. São Paulo: Ática, 2005